

CARANDIRU 32 ANOS DEPOIS: O ECO DA VIOLÊNCIA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO

Kayra Maria Almeida da Silva
Mary Celina Ferreira Dias

“São Paulo, dia primeiro de outubro de 1992...”³³ (um dia antes do massacre).

A situação carcerária brasileira, refletida na obra dos Racionais MC's, a canção "Diário de um Detento", expõe a brutal realidade vivida por aqueles encarcerados e abandonados pelo sistema, cujas vidas refletem as injustiças sociais e raciais enraizadas na sociedade. A letra desta música é um retrato realista das condições inumanas, da violência e da falta de dignidade que permeiam o sistema prisional brasileiro, particularmente em violências como a chacina que culminou no Massacre do Carandiru na cidade de São Paulo, que completa 32 anos neste 2 de outubro de 2024.

No Brasil, as prisões são, de fato, um espelho das desigualdades sociais e do racismo estrutural, conforme apontado por Juliana Borges em seu livro *Prisões: Espelhos de Nós*. A frase dos Racionais MC's na música citada por Borges — “Cadeia? Guarda o que o sistema não quis / esconde o que a novela não diz” — ecoa a percepção de que as prisões são um espaço de silenciamento e ocultação dos "indesejados" pela sociedade. As pessoas negras e pobres, muitas vezes, acabam nessas instituições, não apenas por seus supostos crimes, mas pelo fato de o sistema criminal funcionar como uma ferramenta de controle racial e social.

A população carcerária no Brasil atingiu números assombrosos, com mais de 622 mil presos, sendo a maioria composta por jovens negros, o que revela um padrão de encarceramento que segue as mesmas linhas de exclusão e marginalização social. Segundo dados do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024*, aproximadamente 67% dos presos são negros, o que evidencia o impacto desproporcional do sistema penal sobre a população negra.

O massacre no Carandiru, retratado na canção dos Racionais, foi uma tragédia que simboliza a violência estatal exercida de forma brutal e sem responsabilização. O evento, ocorrido em 1992, resultou na morte de 111 detentos após uma rebelião, sendo até hoje um símbolo da violência do Estado contra as populações mais vulneráveis. A violência no sistema penitenciário não é apenas física, mas também moral e psíquica, com uma superlotação crônica, falta de acesso a direitos básicos, e uma estrutura que, longe de ressocializar, promove a degradação do ser humano.

Conforme analisa Dina Alves em seu estudo sobre a interseccionalidade de raça, gênero e classe no sistema criminal paulista, o sistema penal brasileiro não só pune, mas também criminaliza identidades raciais e sociais específicas, onde mulheres e homens negros estão desproporcionalmente representados. A música dos

³³ <https://www.youtube.com/watch?v=dGFxdmuDA4A>.

Racionais não fala apenas sobre a violência dentro das prisões, mas também sobre a ausência de perspectiva fora delas, apontando para a criminalização da pobreza e da juventude negra no Brasil.

Além disso, a superlotação e as condições desumanas das prisões, descritas em diversas pesquisas e relatórios como o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, exacerbam as tensões internas. A violência policial, que muitas vezes é a porta de entrada para o encarceramento, também reflete uma política de controle social que marginaliza e mata principalmente jovens negros. Segundo o Anuário, a letalidade policial em 2023 vitimou, em sua maioria, homens negros de 12 a 29 anos.

Assim, ao olharmos para a situação carcerária do Brasil hoje, não podemos deixar de ver as prisões como um reflexo da sociedade, como aponta Borges, um lugar onde se expõe a brutalidade das relações sociais e as violências impostas pela estrutura racial e de classe do país. Para romper com esse ciclo, é necessário, como afirmam diversos estudiosos e ativistas, repensar as políticas penais, questionar o encarceramento em massa, e tratar as raízes da violência, que são sociais, estruturais e profundamente ligadas à herança colonial e escravocrata do Brasil.

REFERÊNCIAS

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumsegurancaorg.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 15 set. 2024.

BORGES, Juliana. **Prisões: espelhos de nós**. São Paulo: Todavia, 2009.

ALVES, Dina. Rés negras, juízes brancos: uma análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe na produção da punição em uma prisão paulistana. **Revista CS**, 21, Cali, Colombia: Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, Universidad Icesi, 2017. p. 97-120